BADERNA

VOLUME 1 - N 1 - JULHO DE 2023

ESKRÖTA
INCOMODANDO A CENA TÓXICA COM PORRADARIA E FEMINISMO

ENQUADRAMOS A
BOKA DE FUMO

D&D
O JOGO MAIS PERIGOSO DA HISTÓRIA

DEU NA BADERNA

IMÓVEIS VAGOS PODERIAM ZERAR DÉFICIT HABITACIONAL

CENSO 2022 APONTA QUE ESTADO DE SP POSSUI MAIS DE 2 MI DE IMÓVEIS VAGOS. COM FUNÇÃO SOCIAL, NÚMERO PODERIA ZERAR DÉFICIT HABITACIONAL DOS PAULISTAS

ESCARAS CAUZANTE DEZAKATO
RAROEFEITO NO BASS NO LOVE

Uma caneta na mão, alguns amigos e uma ideia na cabeça

Colagem de Batata Sem Umbigo
Mais trabalhos podem ser conferidos no Instagram do artista @batatasemumbigo

A primeira pergunta que nos ocorreu quando pensamos no embrião desta Baderna foi: Porque não fazer? Com excessão de projetos pontuais, em geral na internet, poucas iniciativas impressas, no esquema faça você mesmo, existem em Rio Claro-SP, nossa base. E acreditamos que não só por aqui, mas em todo o interior paulista.

Então com uma caneta na mão, alguns amigos e uma ideia na cabeça iniciamos este projeto que tem um único objetivo: retratar a cena independente do interior paulista e agregar.

A produção musical existe aos montes. E não só. Muitas iniciativas ligadas ao cinema, histórias em quadrinhos, literatura, entre outros acabam não encontrando público. Entendemos que os diferentes assuntos abordados por aqui dialogam entre si e formam o ideário do cenário independente. E é preciso mais. É necessário que estes encontros aconteçam, que questionem, que proponham caminhos para o ambiente que queremos construir.

Por esses motivos arregaçamos as mangas para produzir esta Baderna e estamos animados com esse primeiro número. E se você é músico ou artista de alguma área e mantém uma produção autoral, não se faça de rogado. Cola na grade. Envie seu trabalho pra gente. Juntos somos mais fortes e em grupo conseguimos ultrapassar barreiras. Vamos gritar todos juntos: Baderna!

PRIMA BALLERINA
PARTIDO BADERNISTA

Marietta Baderna

Litografia de Giuliani (1847 - data provável)

De Prima Ballerina na Itália, Anna Maria Baderna - que misturou danças dos escravos brasileiros com balé europeu - foi transformada em substântivo pejorativo pela aristocracia brasileira do anos 1800 e acabou apagada da história da arte.
Maria ou Marietta Baderna aportou no Brasil depois de convite do Maestro Giannini em 1849 para apresentação do Balé das Fadas/O Elixir do Amor, no Teatro São Pedro de Alcântara, no Rio de Janeiro.
De acordo com a crônica cultural europeia oitocentista, ela era uma das "7 plêiades", a constelação de talentos da época, composta por Pasquale Borri, Augusta Dominichettis, Flora Fabbri, Amalia Ferraris, Sofia Fuoco e Carolina Granzini. Anos antes, em 1843, em Milão, ela havia estreado com o título de Prima Ballerina.
Não a toa que no Brasil ela foi alçada ao sucesso instantâneo. A imprensa da época denominou seus enlouquecidos fãs como Partido Badernista.
O artigo "Mulheres Substantivas - Olympe de Gouges e Marietta Baderna: O papel subversivo das artes no contexto dos direitos humanos em movimento", de autoria da professora e pesquisadora Fabiana de Menezes Soares, destaca que os fãs da bailarina invadiam teatros, levavam flores, gritavam seu nome e, depois do espetáculo, a levavam para o Largo Carioca, onde ela viu as primeiras apresentações das danças dos escravos: a umbigada, o lundu e o batuque.
Baderna então levou as danças populares aos salões da aristocracia.
Foi o começo do seu fim, como aponta a pesquisadora.
As convicções políticas de Baderna de cunho antimonarquista e seu trabalho subversivo criaram o cenário propício para que a mesma aristocracia que a aplaudiu no passado transformasse seu sobrenome em um substântivo pejorativo e apagasse de vez sua história.
Para dar luz ao seu trabalho pioneiro e devolver o significado artístico ao seu nome é que batizamos esta publicação como Baderna.
Marietta Baderna Vive!

BADERNA nº 1
Collab: Cacto Edições/Refúgio Cultural e Estúdio Kathársis
Produção: Gordfo Darco
Editor: Lourenço Favari
Redatores: Danilo Nicoletti, Edson Pereira Jr., Francis Capelão, Guilherme Franco, Lourenço Favari, Luiz Bet, Mário Mariones
Revisão: Yasmin Perdiza
Cacto Edições - Rua M8, nº 764, Parque das Indústrias
Rio Claro-SP, CEP: 13505-120
lourenco.favari@gmail.com

NO PENTE

Foto/Edson Pereira Jr.

A banda de hardcore Focalada está em processo de finalização do seu EP, ainda sem título. O trabalho, produzido pela OSDR Discos, terá quatro faixas, mas ainda não tem data de estreia.

Em paralelo, o quarteto formado por Victor Claro (guitarra e vocal), Filipe Galassi (bateria), Alê Rodrigues (guitarra) e Felipe Alves (baixo) segue também com a turnê Via Sacra Punk, que circula cidades do interior paulista.

4 | História Os 33 anos anos da banda Dezakato

6 | Feira Dicas do que está rolando na internet

7 | Discurso direto Mário Mariones analisa disco Atenciosamente, Eskröta, da banda Eskröta

8 | Resenhas Edson Pereira Jr, Lourenço Favari e Luiz Bet analisam as bandas Escaras, Mad Grace Kactus e No Bass No Love

10 | Deu na baderna Muita casa pra ninguém morar

12 | Lançamento Selo OSDR Discos estreia com lançamento de EP da banda Raroefeito

13 | Entrevista Banda Boka de Fumo abre o bico

14 | Os cria Ativismo de Thomas Cauzante no Hip Hop

16 | Sempre Rita Yasmin Perdiza, Edson Pereira Jr. e a modelo Romin homenageiam a cantora Rita Lee

17 | Guerrarte Guilherme Franco conta tudo sobre a criação do RPG Dungeons & Dragons

18 | Udigrudi Lourenço Favari fala sobre a editora Grafipar, o artista Ferrignac e o filme A Cidade dos Abismos

19 | Jogatina Danilo Nicoletti expande horizontes com os melhores board games

Foto/Rodrigo Melleiro

DEZAKATO

MÚSICA E AMIZADE Banda acaba de lançar o novo disco Quick Swig

TRINTA E TRÊS ANOS DE HARDCORE

O baterista da banda Dezakato, Pedro Brochini, relembra como tudo começou, fala sobre o motivo da longevidade da banda e destaca que enquanto estiverem vivos o hardcore vai continuar

LOURENÇO FAVARI

O ano era 1990. A reunificação da Alemanha era pauta dos principais jornais do mundo, depois da queda do muro de Berlin, que dividiu o país por décadas. No Brasil, assumia o primeiro presidente eleito de forma direta, depois da redemocratização. Meio a esse cenário, em Rio Claro-SP, os ainda garotos Pedro Brochini, Fabio Akamine e Henrique Balarin tocavam os primeiros acordes que dariam origem à banda de hardcore Dezakato.

O primeiro ensaio, conforme relatou o baterista Pedro Brochini, aconteceu no dia 2 de julho daquele ano. "Lembro da data porque até bem pouco tempo atrás nós tínhamos um diário da banda, onde anotávamos tudo que faziamos por ensaio", conta.

Na faixa dos 16 anos de idade, os garotos conheceram o hardcore americano por meio da turma do skate, conforme relatou Brochini. "O acesso a esse tipo de música não era fácil, mas já andávamos de skate e éramos ligados à turma e o Fábio já tinha ido para Londres fazzer um intercâmbio e trouxe muito material em fita cassete e vinil para a cidade", diz.

Com referências de bandas como Suicidal Tendencies, 7 Seconds, Black Fag, Dag Nasty, Circle Jerk e Bad Brains, o quarteto mergulhou de cabeça no trabalho autoral. "Nós tínhamos influências, mas queríamos fazer algo novo", explicou o baterista.

Mesmo sendo da segunda geração do punk rock da cidade a cena era praticamente inexistente. Não demorou para se juntarem aos cabeludos do metal. "Essas eram as bandas consideradas underground. Tocamos, por exemplo, com as bandas Sacristia e Mordeth [ambas de Rio Claro-SP], Hinfamy [Araras], entre

outras". relembra.

Não demorou para a banda começar a tocar pela região e encontrar seu próprio nicho. Em São Paulo, se aproximaram do movimento Juventude Libertária e passaram a tocar para um público mais dirigido. O movimento, além de ter gravado a coletânea em vinil AYF Bands Crew - Aquilo que Não Mata o Estado é Morto por Ele" com participação do Dezakato, foi o embrião do movimento Straight edge na capital.

Ainda em atividade, o Dezakato teve duas fases distintas ao longo dos seus 33 anos de estrada. A primeira durou de 1991 até 1997 e ficou marcado pelas letras polítizadas. Já a segunda fase, de 1998 em diante, assumiu o caráter for fun.

Atualmente é formada por Pedro Brochini, Fabio Franco, Netão Lombada e Pagotto, mas diversos músicos já passaram pelo projeto, entre eles: Diego Inforzato (que morreu em 2018). Brochini explica ainda que a banda mantém os integrantes que não tocam: Luiz Ulrich (que produz todas as artes), Moisés (que atua como background) e Evandro (um dos responsáveis pela longevidade da banda.

Com membros entre 40 e 50 anos, e três deles morando São Paulo, o ritmo de shows é bem menor que o do começo, lá em 1991. Atualmente acontece apenas um encontro anual. Neste ano de 2023, Brochini declarou que possivelmente serão realizados duas apresentações.

QUICK SWIG novo gás para o Dezakato

Depois de um hiato, disco Quick Swig traz novas composições e projeta o futuro

Foram alguns anos participando de coletâneas, sem gravar nada novo, até 2022, quando a banda Dezakato apresentou o novo EP: Quick Swig. São quatro faixas de tirar o fôlego, hardcore dos bons e que está disponível nas plataformas digitais.

Brochini afirmou que mesmo com o baixo número de apresentações por ano, a composição deste novo trabalho abriu um leque para futuras novas produções.

"Deu um gás. Vamos relançar um material antigo com gravações novas, mas também já temos várias músicas novas que em breve devem sair", adianta.

Questionado sobre o segredo da longevidade da banda, foi taxativo: "A duração se deve devido à nossa amizade. É pela amizade. O Dezakato vai durar enquanto todo mundo estiver vivo".

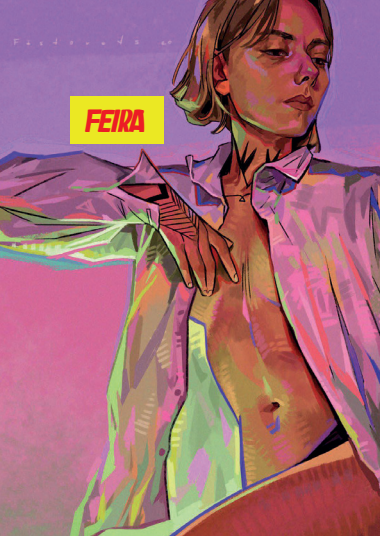
Mesmo com vasta carreira, diversos EPs e reconhecimento no meio musical, o Dezakato nunca incursionou para o exterior. Brochini explica os compromisso de cada membro (trabalho, família, etc) foi protelando a realização dessa tour, que nunca saiu dos planos.

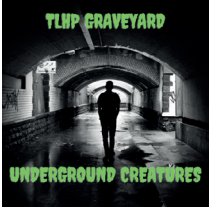
DISCOGRAFIA

Vale lembrar que a discografia da banda conta com os discos "A Different Kind of Noise" (1991), "Antissocial" (1992), "From Innocence To Ignorance" (1993) [split com a banda Hinfamy de Araras], "Appearance" (1994), "Demo 95" (1995), "Just as The Twig is Bent, The Tree's Inclined" (2001), além de participações em diversas coletâneas.

PRIMÓRDIOS DO PUNK Pedro Brochini nos primeiros anos da banda Dezakato

Foto/Arquivo Dezakato





Horror Punk de T.L.H.P
Graveyard para dormir tranquilo

Alexandra Fastovets é uma das ilustradoras da Revista Ilustrar 44. Ela já trabalhou para a Dark Horse Publishing e para a Disney Publishing Worldwide

Para quem gosta de ilustração, saiu o número 44 da revista Ilustrar. A publicação é editada de forma gratuita e conta com os maiores profisionais do país e do exterior. A revista é produzida deste 2007 pelo ilustrador Ricardo Antunes e pode ser baixada gratuitamente em www.revistailustrar.com.br.

Mutante Rádio dá uma chacoalhada na monotonia e entrega uma experiência única. A turma, que mantém base na cidade de Americana, completou 7 anos de atividade da rádio no mês de abril deste ano. A progração reúne a nata da produção independente. www.mutanteradio.com.

Ficção fantástica, horror old school e pensamentos livres. Este é o mote do blog www.lordevelho.blogspot.com. O ator, escritor, autor e produtor cultural Rodrigo Emanoel Fernandes é quem dá as cartas no canal, que tem muita informação bacana de universos obscuros.

Ainda na linha do horror, só que desta vez o horror punk não dá pra deixar de ouvir T.L.H.P Graveyard, projeto solo de Tarcisio Lucas Hernandes Pereira. O trabalho trata do sobrenatural e do misterioso em histórias repletas de zumbis e outras criaturas sombrias e trevosas: www.tlhpgraveyard.bandcamp.com/music.

Física não é chato e eu posso provar. O físico Marcelo Lapola publica drops que são apresentados de forma leve e de fácil entendimento. Segue no insta: @marcelo_lapola.

TOX
DOS EDITORES

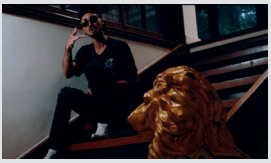
Leia:

A propriedade é um roubo

Livro de Pierre-Joseph Proudhon afirmando sua veia anarquista e refletindo sobre a propriedade privada. Proudhon é considerado o primeiro grande ideólogo do anarquismo do século XIX.

Assista:

Não olha pra trás



"Não olha prá trás" é o título do videoclipe do rapper Chivitis, que pode ser assistido no Youtube. A letra fala de mudanças interiores e exteriores, além de propor para que se deixe de lado o que as pessoas falam sobre você. Este é o terceiro videoclipe profissional do rapper Chivitis.

ESKRÖTA

Atenciosamente, Eskröta - 2023

Foto/Rogério Kubo

"CHEGUEI PRA INCOMODAR ESSA CENA TÓXICA": Yasmim Amaral e Tammy Leopoldo metem o pé na porta

Porradaria feminista no 2º full lenght da Eskröta

Discurso direto e papo reto sangue-no-zóio em Atenciosamente, Eskröta

MÁRIO MARIONES

"Atenciosamente, Eskröta". É a Eskröta estralando seu segundo full lenght. Feminista, antifascista, sem firula. Reluzindo inconformismo vivificações da rebeldia no vasto underground cravaram sua marca. Referência no estilo extremo do trash/crossover/metalpunk com versatilidade.

Formada no interior de São Paulo por Yasmin Amaral, com seu vocal agressivo, técnica cortante nas letais six strings e Tammy Leopoldo, com muita presença precisão punch no baixo, background old school. Bradam aos excluídos, condenam os bairristas, cospem nos dogmas na normatividade fascistóide imposta pela linguagem do dinheiro, engrenagens moendo inocentes.

A capa remete à missiva ao tempo, é a protomorbidez; exigida então será a retomada da consciência plural, igualitária. Mutirão versus status, coletividade: você vai pirar com essas nove trulitadas pra sangrá os zorvido até uma zóra.

Discurso direto, o papo reto sangue-no-zóio pede passagem. O dedo na ferida estrala de cara na primeira faixa: "Cena Tóxica". Contra a hipocrisia daqueles que vivem da mesquinha contradição dissimulada fala e ação (cadê o mutirão?) surge a sentença violenta: "cheguei para incomodar essa cena tóxica" anúncio da derrubada das máscaras e abusos. O bom gosto levadas e alternâncias é fino demais, a gradação infernal cadência dinâmica energizante coesa sutil e foderosa às raivosas raias da indignação maturada, ninguém calará o âmago da legítima REVOLTA.

Nesta carta do terceiro mundo à humanidade, o feminismo triunfa. Hits, o álbum tem uns par deles: "Fila do Osso", "Instagramável", "Homem é Assim Mesmo" e "Mosh Feminista", assombrosa ode ao empoderamento feminino.

Crássico imediato. Vida longa pra quem é de verdade: escute bem escute bem "Atenciosamente, Eskröta" é o play!

E LIGA O GÁS Alain Melendez lidera projeto repleto de riffs poderosos

ESCARAS

Demo 2 - 2018

Cada faixa do disco é um convite para explorar os recônditos da existência

EDSON PEREIRA JR.

No cenário musical, às vezes surgem bandas que deixam uma marca indelével. Uma delas é a banda Escaras, liderada pelo guitarrista, compositor e idealizador do projeto, Alain Melendez. Seu disco Demo 2 evoca os primórdios do trash, death e HxCx oitentista, repletos de poderosos riffs de guitarra, bateria imponente e baixo preciso, que dão sustentação a cada faixa. É como se Alain Melendez tivesse canalizado a essência desses gêneros e injetado em cada acorde.

A Demo 2 exige reflexão e disposição para encarar as verdades da vida e da própria natureza humana. As letras são impactantes e convidam o ouvinte a mergulhar em questões profundas. Os solos de guitarra são como trilhas que nos conduzem por um labirinto de sonhos e pesadelos, fazendo-nos questionar nossas próprias convicções.

Cada faixa é um convite para explorar os recônditos da existência humana e encarar suas facetas mais sombrias.

Em um mundo onde a música muitas vezes se perde em fórmulas vazias e superficiais, a Demo 2 é como uma força bruta e visceral. É um chamado à ação, um convite para nos unirmos a essa jornada, lutando até o fim e moldando nosso próprio destino. Ah! uma última coisa: "Dá-me um martelo e verás o que farei!". B

BADERNA OUVIU

DINAMITE PANDA

Você é o que você faz
2021

Álbum retoma a energia do punk rock com dores reais da atualidade

Álbum de 2021, "Você é o que você faz" da banda paulistana Dinamite Panda reúne sete faixas de tirar o fôlego! Rápidas, energéticas e cheias de vigor.

As letras versam sobre as dificuldades do cotidiano, sejam elas de dores reais e subjetivas chegando a pedradas sociais que mostram a organização da juventude em torno de seus anseios.

Destaque para as faixas "Tamires", "Mamãe eu sou punk" e a contagiante "Rock de Ocupação".

NO BASS NO LOVE

Equilíbrio - 2022

Timbres eletrônicos evocam atmosfera distópica niilista

LUIZ BET

Quando imaginamos algo, segundo o filósofo francês René Descartes, utilizamos das nossas experiências como matéria prima para realizarmos uma determinada composição. A percepção, porém, não é uma atividade puramente passiva, principalmente quando lidamos com algo que vemos pela primeira vez. Acontece um misto entre percepção e imaginação porque recorremos as nossas próprias experiências para buscarmos um sentido no desconhecido. Pensei um pouco sobre ao escutar os primeiros sons sintetizados de No Bass No Love.

Suas músicas me evocaram um taste de new wave, ou até mesmo um pós-punk, talvez... Logo pululou uma série de referências na minha cabeça: por capricho do destino, meus últimos dois anos foram um mergulho no vasto mundo da música eletrônica. Dessa forma, ao escutar o álbum, música após música, foi um gostoso exercício imagético de tentar reconhecer as referências, analisar os timbres utilizados nas composições, de tentar aproximar o que estava ouvindo às outras coisas que andei explorando recentemente. Logo na primeira faixa, que leva o nome do álbum, me senti absorto nos cenários de Night City, de Neuromancer. Existe uma atmosfera distópica niilista nos timbres eletrônicos que são, por um lado um tanto sombrios, mas por outro uma afirmação da vida, do mesmo sentido que Nietzsche que se assume um niilista pois nega moral ao passo que, ao faze-lo afirma a própria vida.

Por um momento ri de mim mesmo: acho que fui longe demais. Porém começou a tocar Chiques e Decadentes, o que me fez pensar que talvez não. Talvez esse álbum seja exatamente sobre isso. Talvez seja uma cicatriz na alma de quem passou por uma pandemia, conduzida por um governo fascista, numa sociedade dita moderna, no "auge dos tempos", trancafiados com aparelhos eletrônicos que nos deixam conectados ao mundo inteiro o tempo todo, sem descanso, ao passo que, paradoxalmente nos isola demasiadamente, nos individualiza demasiadamente. Acabou o álbum e senti que ele bem que poderia ser um pouco mais longo, mas voltando ao próprio Nietzsche, o desejo irrealizável de que as nossas experiências não acabem servem de indicativo de que vivemos um bom momento.

MAD GRACE KACTÜS

Black House - 2021

Banda dialoga com sua geração com profunda melancolia

LOURENÇO FAVARI

Black House é o nome do trabalho de 2021 da banda Mad Grace Kactüs. Dividido e lançado em quartos partes, funcionam quase que como atos teatrais e criam uma atmosfera indie cheia de pequenas nuances que deságua na excelente Devils Game, última faixa da última parte. Assim como os clássicos do samba brasileiro dos anos 30/40 e do rock produzido pelo The Strokes no inícios dos anos 2000, o disco Black House carrega em si uma profunda melancolia, retrato da geração dos anos de 2020, que viu seus ídolos morrerem, um retrocesso político nunca antes visto neste país e toda a esperança de tempos melhores se esvair.

E isso não é um ponto negativo, mas sim um reflexo da vivacidade musical da Mad Grace Kactüs, que está atenta ao seu tempo e preparada pra dialogar com sua geração, ainda que em inglês.

Ouça com carinho as faixas "Make Your Wish Come True", "Unusual Day" e "Rock and Roll Tonigth", que mostram as nuances da banda.

Como adiantei acima, Devils Game evoca os mestres dos blues em uma roupagem moderna de rock indie com um vocal poderoso e um final catártico.

Moradia para ninguém

Segundo Censo 2022, o Estado de São paulo possui mais de 2 milhões de unidades habitacionais vagas e sem função social. Número de residências poderia zerar o déficit habitacional do Estado

LOURENÇO FAVARI

O Censo 2022 do IBGE, divulgado no final de junho deste ano, mostrou resultados relevantes relativos aos domicílios brasileiros e, como consequência, a ausência de ação do poder público em relação ao cumprimento da legislação que exige que se dê função social aos imóveis.

Conforme os resultados, o Estado de São Paulo possui 2.164.39 imóveis vagos ou sem utilização. O número representa 11% do total de domicílios do perímetro urbano, que é de 19.640.954.

O utilização desses imóveis vagos, portanto, que estão sem função social, para acomodação de pessoas zeraria o déficit habitacional do Estado, que é 1.244.326 moradias, conforme apontado em estudo realizado pela Fundação João Pinheiro que contabiliza dados até o ano de 2019.

Por outro lado, a secretaria estadual de habitação aponta que o déficit habitacional é de 1,16 milhão de moradias. Reconhece ainda que 3,19 milhões de moradias estão em condições inadequadas para morar.

Ou seja, de forma prática, o cumprimento da legislação que dá função social a um imóvel por parte do poder público já resolveria o déficit habitacional do Estado.

ABANDONADOS Cresce o número de imóveis abandonados nos municípios

E o caminho não é tão difícil, conforme explicou a presidente da Comissão de Direito Urbanístico da OAB Nacional ao G1, Daniela Libório. Segundo a especialista, o município deve notificar o dono do imóvel desocupado para que ele dê uma finalidade para o domicílio e o proprietário terá dois anos para comprovar ter dado função social. Caso nada aconteça, o próximo passo é sancionar o proprietário por meio do IPTU Progressivo, podendo chegar até 15% da alíquota. Depois de cinco anos a prefeitura já possui o direito de desapropriar a unidade habitacional e torná-la bem público.

Caso o muncípio também não dê função social ao imóvel, o prefeito e os envolvidos na administração pública municipal podem responder por improbidade administrativa (conforme parágrafo único do art. 17-D da lei nº 8.429/1992).

Ou seja, os instrumentos para zerar o deficit habitacional estão bem diante dos nossos olhos. Com dados reais do IBGE, que auxiliam na tomada de decisões e construção de políticas públicas é possível exercer a cidadania e exigir essas ações.

CENÁRIO

Os percentuais de imóveis vagos nas cidades do interior paulista variam entre 7% e 13% do total de unidades habitacionais contabilizadas dentro do território.

Em Rio Claro, por exemplo, 10.931 domicílios estão vagos, segundo os dados do Censo 2022.

Das cidade de médio porte Piracicaba é o município que mais possui imóveis sem nenhuma utilização: 26.983. Na sequência aparece Americana com 23.182 domicílios vagos e sem função social.

São Carlos registra a marca de 17.582 casas desabitadas, enquanto Limeira e Hortolândia contabilizam 12.718 e 12.151, respectivamente.

MOVIMENTO E LUTA

Um dos movimentos que exigem o cumprimento da função social do imóvel e o direito constitucional de moradia é o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST). Fundado em 1997 como uma versão do Movimento Sem Terra (MST) realiza ações para pressionar o poder público a utilizar os mecanismos legais para dar função social para as unidades habitacionais vagas ou abandonadas. Ainda que receba diversas críticas em relação aos métodos utilizados, o movimento se faz ouvir há mais de 25 anos.

Em situação de rua

Além do déficit habitacional, o Estado possui um vasto número de pessoas em situação de rua. É o que aponta um levantamento feito pelo Observatório Brasileiro de Políticas Públicas com a População em Situação de Rua (POLOS-UFMG) em 2021.

De acordo com o estudo, o Brasil possui 150.057 pessoas em situação de rua, enquanto o Estado de São Paulo tem 64.576 pessoas que não tem onde morar e vivem nas ruas, embaixo de viadutos, nas marquises de bancos e espalhadas pelas praças dos pequenos municípios.

OSDR DISCOS

SELO APOSTA EM ROCK OPERÁRIO NA SUA PRODUÇÃO DE ESTREIA

FRANCIS CAPELÃO

O selo OSDR Discos acaba de lançar o primeiro EP da banda Raroefeito. Este é o debut do selo, capitaneado pelo produtor musical Gordfo Darco, que também é o baterista da Raroefeito.

O SOM DO REFÚGIO

O produtor e big boss do selo O Som do Refúgio Discos (OSDR), Gordfo Darco

"Operários" é o nome do trabalho, que foi gravado no Refúgio Cultural e Estúdio Kathársis, em Rio Claro, e que apresenta um rock com uma pegada oitentista, letras de protesto e muito solo de guitarra.

O álbum, que conta com seis faixas, teve sua capa assinada pelo artista Furukawa (@furukawadrawings), de Americana, e contou com participação especial do guitarrista Bruno Nicoletti (ex-Boneca Sem Braço).

"A criação do selo aconteceu por necessidade. Estávamos procurando um selo para o lançamento do trabalho que já estava gravado. Percebemos alguma dificuldade e decidi botar a mão na massa. Como já trabalho com produção e gravação, partir para o selo foi apenas um passo", disse o produtor, que também está a frente do Refúgio Cultural e Estúdio Kathársis.

De acordo com Darco o selo já prepara ao menos dois novos lançamentos, previstos para ainda este ano.

"Neste momento o selo está focado na divulgação do material da banda Raroefeito, que já tem uma programação bem definida. Mas já temos planejamento para mais dois discos até o final do ano", finaliza.

OPERÁRIOS

EP está disponível em mídia física e também em todas as plataformas digitais

Foto/Edson Pereira Jr.

POR DENTRO DA BOKA DE FUMO

SINGLE A banda Boka de Fumo lançou em janeiro o single "É proibido ser feliz", disponível nas plataformas digitais

Formada em Rio Claro-SP em 2022 pelos músicos Ítalo (vocal), Baiano (baixo), Vicenzo (bateria), Kev (guitarra base) e Tigas (guitarra solo), a banda de punk rock Boka de Fumo faz parte da novíssima geração da música independente do interior paulista.

Os garotos, todos entre 18 e 20 anos, contaram que inicialmente o objetivo do projeto era o de montar uma banda cover de Charlie Brown Jr. "Já logo no primeiro ensaio já começamos a fazer música própria", diz o vocalista Italo.

Mesmo com a pouca idade e o pouco tempo de estrada, os músicos tem se destacado na cena e atualmente realizam ao lado de outras bandas a turnê Via Sacra Punk, que percorre cidades do interior paulista.

Baderna: *Em um universo onde a música autoral tem pouco espaço, porquê decidiram compor?*

Boka de Fumo: Porquê é uma coisa que deixa marcado, que você mesmo faz, que é sua. É cantar o que vive

B: *Qual mensagem vocês querem passar? Vocês tem essa ideia de passar alguma mensagem?*

BdF: Queremos mostrar o que a gente vive, o que vemos, falar um pouco sobre a realidade brasileira, mas sempre com um pouco irreverência. E o nosso som é isso, ou a pessoa odeia ou adora.

B: *Vocês consomem outros tipos de arte? Quais?*

BdF: Sim. Grafite, filmes de qualidade duvidosas (como sharknado), livros e design gráfico, além de esportes como o Skate.

B: *Como vocês analisam o cenário independente de Rio Claro e região?*

BdF: Acho que agora estamos num momento de bastante união. E a cena antiga fortalece demais. Caras como o Netão Lombada [Resistentes], Mario Mariones [Garrafa Vazia], o próprio Pedrinho [ícone do punk rock e pai do baterista Vicenzo] dão uma grande força. O underground vive e viverá pra sempre.

B: *Música, arte ou desbunde?*

BdF: São três coisas necessárias que você precisa na sua vida. Se tiver isso já é excelente. B

OS CRIA

Cultura como ferramenta de transformação social é lema do produtor cultural Thomaz Cauzante

LOURENÇO FAVARI

Foto/Edson Pereira Jr.

THOMAZ CAUZANTE
O correria do Hip Hop

Uma das figuras mais atuantes da cena Hip Hop do interior paulista, sem dúvida, é o articulador e produtor cultural Thomaz Cauzante. Quem acompanha o movimento já se deparou com alguma de suas atividades, seja seus raps, grafites, sua atuação como educador em projetos sociais, podcast ou o evento cujo qual é um dos fundadores e que é referência do ramo: o Treta do Lago, que acontece em Rio Claro-SP.

Adepto do conceito Faça Você Mesmo, Cauzante está desde 2007 utilizando todos os recursos para fomentar a cultura e mudar realidades. "O objetivo sempre foi usar a cultura como ferramenta de transformação social", enfatizou.

INÍCIO

Cauzante conta que seu primeiro contato com o grafite, um dos quatro elementos do Hip Hop, ocorreu em 2003. "Ainda não conhecia o grafite como um elemento do Hip Hop. Diferente do rap. O rap na quebrada não tem como não conhecer. O grupo escoteiro Santa Cruz, em Rio Claro, deu as tintas pra gente fazer o grafite", recorda.

Até os 16 anos fazia grafite, pichava muros pela cidade, mas por influência de familiares era um "cara do rock".

Em 2007 montou a banda da Cauzantes Movimento Urbano ao lado de Lucão, Murilo, Leo e Inativo. Foram cerca de três anos do projeto que misturava rap e hardcore. "Era navalha na carne, mata rato, maconha e muita influência de Planet Hemp, O Rappa e Rage Against. Acabou a banda porque eu tava começando a ficar muito louco", conta.

RAP

Não demorou para Cauzante enveredar para o caminho natural da sua quebrada: o rap. "Comecei a fazer letra vendo o Breda rimar. Foi ele que me apresentou o fruity loops [software de produção

musical]. A partir dai começamos a gravar nossos sons focados no rap".

O ano era 2010 e a movimentação crescia em torno de uma juventude querendo fazer música, andar de skate e pichar. "A partir disso conheci de fato o Hip Hop por meio do Tico, do Rude (B-boy), Índio, Dj Ro e Inativo".

Já com seus raps na bagagem, Cauzante começou a se apresentar na região e a criar uma rede. Cidades como Limeira, Leme, Piracicaba, Campinas, Araras são alguns locais que passou. "O rap te traz pra sua realidade e se você tem isso de relevante você traz pra sua quebrada", comenta.

BATALHAS

Esse pensamento, de trazer para o próprio bairro a cultura Hip Hop fez com que fosse criado o evento "Tudo Nosso Nosso Teto", realizado no bairro Nosso Teto, de Rio Claro. "Começamos a partir pra escolas, fazer oficinas e usar a cultura como ferramenta de transformação social, pra melhorar a situação das pessoas do local. Eu era da quebrada, mas me acostumei a sair do local porque minha mãe me botou pra estudar fora do bairro. Então vivenciei outras coisas, fui a outras cidades, e queria levar isso pra minha quebrada", reforça. O evento foi realizado até o ano de 2016 e fomentou a região.

Em paralelo, Cauzante integrou a banda Hemp Familý, cover de Planet Hemp, o que proporcionou um aprendizado relacionado à produção.

Das parcerias feitas na banda cover, surgiu a ideia de criar um evento maior, com todos os elementos do Hip Hop. Com o fim do "Tudo Nosso Nosso Teto" teve início ainda em 2016 o "Treta do Lago", que foi encampado pela 288 Crew e o DJ Dindon.

A "Treta do Lago" deu oportunidade para inúmeros DJs, MCs, grafiteiros, B-boys apresentarem seus trabalhos. "Nós nunca ganhamos um real fazendo esses eventos. Sempre foi pela causa do Hip Hop", argumentou.

Ao todo foram realizadas 25 edições da "Treta do Lago", sendo que a última, em maio de 2023, contou com a participação de Dow Raiz e Nelson Triunfo, dois ícones da cultura Hip Hop, além de exposições de fotos, batalha de rimas, etc.

Agente da mudança

Mudar o mundo com atitudes, defende Cauzante

As diferentes atividades atribuem facilmente o título de "Correria do Hip Hop" para Thomaz Cauzante, aquele que não mede esforços para construir e manter a cena operando. Questionado sobre os motivos que o fazem continuar, uma vez que como ele mesmo declarou, não é por interesse financeiro, sentenciou: "Veja bem, fizemos a última Treta do Lago e a próxima será ainda maior. Porque quanto mais foda o bagulho, mais pessoas ele atinge. Você muda o mundo com atitude, com ações, com o que você é. Estou sempre fazendo pra influenciar de forma positiva essa molecada da quebrada, ter união, parceria, revolucionar a cena. Se você está fazendo as pessoas vão querer fazer também", finaliza.

SEMPRE RITA

MODELO - Romin
PRODUÇÃO - Yasmin Perdiza
FOTO - Edson Pereira Jr.

Aos 20 anos de idade, Romin é figura frequente na cena independente. Em uma produção de Yasmin Perdiza e foto de Edson Pereira Jr. a modelo homenageia a cantora Rita Lee, um dos maiores ícones do rock e da música popular brasileira, morta em 8 de maio de 2023 aos 75 anos.

Romin declara que a cantora brasileira sempre foi uma inspiração e símbolo de liberdade. "Rita me acompanhou em todas as fases que passei, sempre me lembrando que está tudo bem ser a ovelha negra da família e também da importância de ser sempre autêntica e verdadeira comigo mesma. Ela representa uma inspiração constante e o anseio de amadurecer", diz.

Para a Romin, a cena independente é um espaço seguro criado pela comunidade pra que os grupos sem espaço de fala possam se manifestar e se fazerem ouvidos. "Isso acontece de diversas formas, com diferentes tipos de manifestações artísticas e em diferentes meios, mas sempre traz o mesmo resultado, a liberdade pra poder questionar a realidade imposta", conclui.

CRIADORES Gary Gyrax e Dave Arneson são os mentores da concepção do D&D, lançado há 49 anos pela TSR

D&D: O JOGO MAIS PERIGOSO DA TERRA

Dungeons & Dragons foi acusado, nos anos 80, de ser uma ferramenta para cooptar crianças ao ocultismo e bruxaria, mas venceu os detratores e se tornou um dos jogos mais emblemáticos e divertidos de todos os tempos

GUILHERME FRANCO

Fonte de inspiração de obras que povoam nossa imaginação e memória como a série animada Caverna do Dragão, ou a narrativa envolvente da história do mutante Geralt em The Witcher, o RPG, tão cultuado entre nerds e geeks, é fonte de inspiração de histórias para milhares de pessoas mundo afora, bem como um promissor mercado de investimentos de capital.

Mas que caralhos é RPG? RPG é uma sigla inglesa para Role Playing Game, ou numa tradução livre Jogo de Interpretação. A sigla tem tamanha potencia que é conhecida mundialmente dessa forma. Criado em formato comercial há 49 anos pela TSR, o Dungeons & Dragons inaugura o cenário com a ideia de jogo para interpretar personagens em um mundo de alta fantasia medieval. Gary Gyrax e Dave Arneson, são os mentores da concepção desse jogo. Os norte-americanos criaram esse mundo influenciado pela mitologia mundial, história, literatura pulp, e romances de fantasia contemporânea, como na nítida influência da obra de J.R.R. Tolkien, O Senhor dos Anéis.

MAS QUE CA#AL#*S É RPG?

É uma diversão. É uma motivação para reunir bons amigos. É onde se pode dar vida à imaginação. É onde o sentimento do seu próprio ser se confunde com a de outros personagens, e dos demais jogadores. É enfim, um viver, um criar e um "rola o dado" envolvente. Utilizando-se de um sistema de regras, cada RPG é único em sua forma de construir uma narrativa de modo cooperativo. O tabuleiro e os dados auxiliam a visualizar o combate, uma das pernas do tripé norteador do modo de jogo. A figura do Mestre ou Narrador dá vida ao mundo, interpreta todos personagens não jogadores e funciona como juiz das ações, ditando o ritmo da exploração e das interações sociais, que completam o tripé.

UDIGRUDI

LOURENÇO FAVARI

GRAFIPAR

A EDITORA QUE SAIU DO EIXO

Usina criativa de quadrinhos eróticos no Brasil, a Grafipar foi uma editora liderada por Cláudio Seto, no final dos anos 70, em Curitiba. Não demorou muito para se tornar a meca dos quadrinhos nacionais, misturando gêneros como terror, ficção científica, folclore e policial com erotismo. A editora transformou a cidade de Curitiba em um ponto de encontro dos melhores desenhistas e roteiristas brasileiros como Mozart Couto, Watson Portela, Franco de Rosa, Rodval Mathias, entre outros. Todo esse movimento, inclusive a famosa Vila dos Quadrinistas, que existiu nos anos 80 em Curitiba, é retratada no excelente livro "Grafipar - A Editora que Saiu do Eixo", do jornalista e roteirista de quadrinhos Gian Danton, publicado em 2012 pela editora Kalaco.
Uma obra necessária para quem quer entender melhor o cenário dos quadrinhos brasileiros.

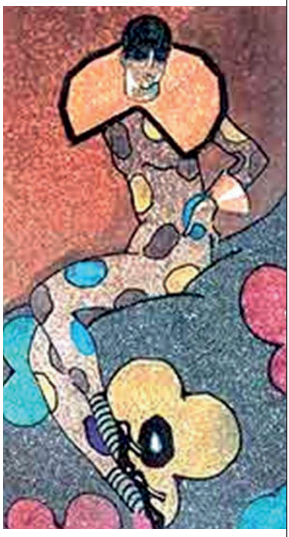
OS MARGINAIS DO FILME A CIDADE DOS ABISMOS

Primeiro longa-metragem da dupla Priscyla Bettim e Renato Coelho, "A Cidade dos Abismos" retrata uma São Paulo nua e crua, com personagens à margem da sociedade.
A história acompanha os personagens Glória, Maya, Bia e Kakule que se encontram em um bar em uma noite de véspera de natal. Meio a solidão de personagens marginais, Maya é assassinada.
É quando se inicia um esforço na busca por justiça. O longa conta com participações de Arrigo Barnabé, padre Julio Lancellotti e do poeta Cláudio Willer.

COLOMBINA

FERRIGNAC

O rio-clarense Ferrignac, nome artístico de Inácio da Costa Ferreira, foi um dos participantes da Semana de Arte Moderna de 1922. Colombina é o título da obra do escritor, caricaturista, ilustrador e desenhista paulista que foi exposta na emblemática semana.
De acordo com Aracy Amaral, no livro Artes Plásticas na Semana de 22, publicado em 1970, seus desenhos denotam a influência do Art Déco. "(...) muito embora no campo das artes visuais, mais circunscrito à caricatura, sua contribuição maior tenha sido o registro de seu tempo através do seu desenho de humor", descreve.



O MUNDO DOS BOARDGAMES

Há pouquíssimo tempo descobri que existe uma variedade enorme de jogos de tabuleiro para muito além dos clássicos Detetive, War, Banco Imobiliário entre outros vendidos nas lojas de brinquedos. Existe um mercado enorme e uma variedade de estilos de jogos com diferentes temáticas, mecânicas e para diversos gostos e idades. É o chamado "mundo dos Boardgames". Uma vez inserido nele, gostaria de apresentar alguns jogos que me conquistaram e fizeram reascender o meu gosto de reunir os amigos em volta de uma mesa de jogatina.
Start!

DIXIT

UMA IMAGEM VALE MAIS QUE MIL PALAVRAS

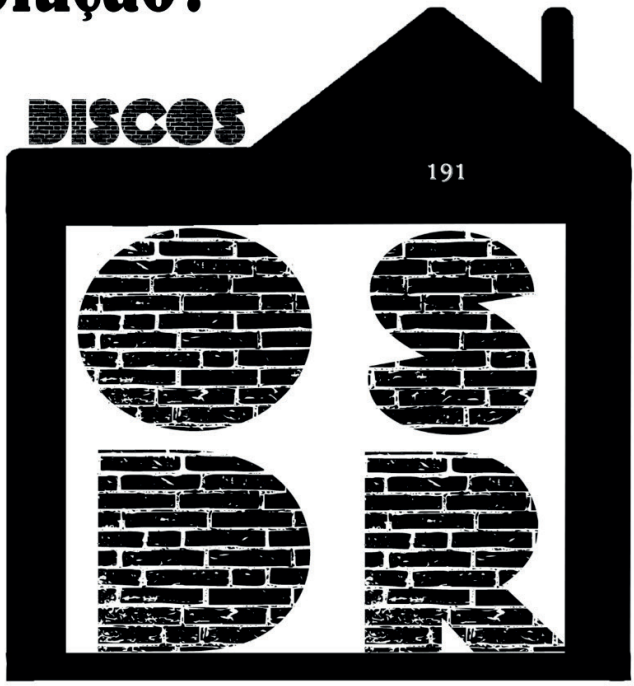
Um jogo divertidíssimo de três a oito pessoas no qual os jogadores terão diversas cartas com imagens fantásticas e criativas em mãos. Em cada rodada um jogador assume o papel de narrador, escolhendo uma de suas cartas e dando uma dica da imagem sem revelá-la. Os outros jogadores escolhem uma carta da mão que mais se aproxima da dica dada pelo narrador, e sem revelar sua escolha, entrega a carta selecionada para o narrador, que a coloca junto de sua própria carta. As cartas são embaralhadas e abertas no tabuleiro para que todos os jogadores vejam todas as imagens. Neste momento, eles terão que votar na carta que imaginam ser do narrador. Os jogadores vão avançando no tabuleiro conforme os acertos e erros nas votações de cada rodada. Vence quem chegar no último espaço da trilha do tabuleiro.
Dixit é um jogo de imaginação que nos surpreende com as diversas formas de narrar as imagens das cartas. Um jogo no qual uma imagem vale mais que mil palavras!

ELDRITCH HORROR

JOGO É AMBIENTADO NO UNIVERSO DE H.P. LOVECRAFT

Jogo de mistério e horror que apresenta uma mecânica de cooperação entres os jogadores. Nesse jogo todos "lutam" contra o tabuleiro.
Eldritch Horror me ganhou na primeira vez que joguei. Ambientado no famoso universo de terror cósmico de H.P. Lovecraft, o jogo apresenta características próximas aos clássicos RPG's de mesa, onde podemos escolher vários personagens com habilidades diversas. Aqui os jogadores terão que cooperar para enfrentar monstros, fechar portais de dimensões malignas e resolver mistérios para derrotar os Anciões.
O boardgame pode ser jogado por até oito pessoas, sendo possível também jogar uma aventura solo. Eldritch Horror conta com atmosfera e narrativa imersivas, sendo perfeito para passar a noite jogando. Para quem gosta de aventura e mistério é um prato cheio!

A nova era musical se inicia. Você está pronto para a revolução?



O refúgio das melodias que ecoam na alma!

/OSDRDISCOS